

ESTUDOS

A Reforma Ortográfica de 1911	<i>Anabela Mimoso</i>	11
Morrinha-Saudade	<i>Luís G. Soto</i>	23
Pertinência filosófica do tema da saudade	<i>Maria Celeste Natário</i>	33
Psicopolítica e emancipação intercultural: A questão Galiza, Brasil e Lusofonia	<i>Evandro Vieira Ouriques</i>	43
O velho Briugú	<i>André Pena Granha</i>	69
Das cristandades crioulas lusófonas do oriente à literatura açoriana contemporânea	<i>Chrys Chrystello</i>	83
A mudança de paradigma e a recuperação da memória histórica na Galiza	<i>José Manuel Barbosa</i>	99
Interpretação de Manuel António em chave marítima	<i>Ramom Reimunde</i>	117
Carlos Drummond de Andrade	<i>Beatriz Weigert</i>	133
Canto IV de <i>Os Lusíadas</i> e <i>Mensagem</i>	<i>Elisa Guimarães</i>	147
Entre filosofia e literatura	<i>Maria Luísa Malato Borralho</i>	159
Aprendizagens pós-coloniais em tempos neocoloniais	<i>Cathryn Teasley</i>	171

Boletim

da Academia Galega
da Língua Portuguesa

Anabela Mimoso | Luís G. Soto | Maria Celeste Natário | Evandro Vieira Ouriques | André Pena Granha | Chrys Chrystello | José Manuel Barbosa | Ramom Reimunde | Beatriz Weigert | Elisa Guimarães | Maria Luísa Borralho | Cathryn Teasley | Ângelo Cristóvão | Xavier Vásquez Freire | Concha Rousia | Joám Evans Pim | Carlos Durão Rodrigues | António Gil Hernández | Joel R. Gómez | César Morán | Roi Vales da Oliveira | M^a Seoane Dovigo



*Boletim da
Academia Galega
da Língua Portuguesa*



Academia Galega da
Língua Portuguesa

Diretor

António Gil Hernández

Secretário

Ângelo Cristóvão Angueira

Conselho de Redação

Conselho Científico

Celso Álvarez Cáccamo (UdC); Carlos Assunção (UTAD); J. Malaca Casteleiro (ACL); Evanildo Bechara (ABL); Zélia Borges (Mackenzie); Paulo Borges (FLUL); Anabela Brito (ULP); Regina Brito (Mackenzie); Luís G. Soto (USC); Carlos Garrido (UVigo); M^a Henriques (UVigo); Álvaro Iriarte (UMinho); Cristina de Mello (UCoimbra); Cilha Mória (UdC); Isabel Morán (USC); José Paz (UVigo); Carlos Reis (UAb); Ricardo Reis (UVA); José L. Rodríguez (USC); Augusto S. da Silva (UCP Braga); Jurjo Torres (UdC); Álvaro Vidal (UNottingham); Xavier Vilhar (USC); Beatriz Weigert (UÉvora).

Impressão

Tórculo Artes Gráficas

Depósito Legal C-2345/08

ISSN 1888-8763

Subdiretor

José-Martinho Montero Santalha

Edição

Iolanda Mato Creo

Isaac Alonso Estraviz; Ângelo Cristóvão; Joám Evans Pim; António Gil Hernández (Diretor); Luís Gonçalves Blasco; José-Martinho Montero Santalha; Rudesindo Soutelo; Concha Rousia.

Conselho Assessor

Artur Alonso Novelhe; José Manuel Barbosa; Ângelo Brea Hernández; Margarida Castro; Henrique Correia; Chrys Chrystello; Marcos Crespo; Renato Epifânio; Carlos Durão Rodrigues; Vítor Lourenço Peres; Higinio Martins Estevez; Anabela Mimoso; Mário Afonso Nozeda Ruitinha; Henrique Salles da Fonseca; Francisco Paradelo Rodríguez; Ramon Reimunde Noreña; Valentim Rodrigues Fagim; José R. Rodrigues Fernandez; Cathryn Teasley Severino; Joám Trilho; Fernando Vazques Corredoira; Xavier Vásquez Freire; Ernesto Vasques; Crisanto Veiguela Martins.

Edita

Academia Galega da Língua Portuguesa
Rua de Castelão n.º 27
15900 Padrão, Galiza

<http://www.academiagalega.org>

Conteúdos

ESTUDOS

A Reforma Ortográfica de 1911	<i>Anabela Mimoso</i>	11
Morrinha-Saudade	<i>Luís G. Soto</i>	23
Pertinência filosófica do tema da saudade	<i>Maria Celeste Natário</i>	33
Psicopolítica e emancipação intercultural: A questão Galiza, Brasil e Lusofonia	<i>Evandro Vieira Ouriques</i>	43
O velho <i>Briugu</i>	<i>André Pena Granha</i>	69
Das cristandades crioulas lusófonas do oriente à literatura açoriana contemporânea	<i>Chrys Chrystello</i>	83
A mudança de paradigma e a recuperação da memória histórica na Galiza	<i>José Manuel Barbosa</i>	99
Interpretação de Manuel António em chave marítima	<i>Ramom Reimunde</i>	117
Carlos Drummond de Andrade	<i>Beatriz Weigert</i>	133
Canto IV de <i>Os Lusíadas</i> e <i>Mensagem</i>	<i>Elisa Guimarães</i>	147
Entre filosofia e literatura	<i>Maria Luísa Malato Borralho</i>	159
Aprendizagens pós-coloniais em tempos neocoloniais	<i>Cathryn Teasley</i>	171
INSTITUIÇÃO		
Atividades da AGLP no ano 2011	<i>Ângelo Cristóvão</i>	187

A lição brasileira	<i>Xavier Vázquez Freire</i>	189
Brasil-Galiza: Plenitude mesmo!	<i>Concha Rousia</i>	195
A Galiza nos encontros do Instituto Internacional da Língua Portuguesa	<i>Joám Evans e Carlos Durão</i>	197
80.º aniversário do <i>Vocabulario castellano-gallego</i> das Irmandades da Fala	<i>António Gil Hernández</i>	199
Necrológica: Prof. Amadeu Torres	<i>António Gil Hernández</i>	209
PUBLICAÇÕES		
Cem números da Revista Agália, 25 anos de presença no mercado	<i>Joel R. Gómez</i>	215
Novoneyra. Celso Emilio	<i>César Morán</i>	221
Léxico Galego: Degradaçom e Regeneraçom	<i>Carlos Durão</i>	227
Dois lados de um rio: nacionalismo e etnografias na Galiza e em Portugal	<i>Roi Vales da Oliveira</i>	231
Revista “Nova Águia”. Número 5	<i>José Manuel Barbosa</i>	237
Revista “Nova Águia”. Números 6 e 8	<i>Maria Seoane Dovigo</i>	243
Revista “Nova Águia”. Número 7	<i>José Manuel Barbosa</i>	249
Prof. Dino Preti, sociolinguista: duas obras	<i>Roi Vales da Oliveira</i>	253

Editorial

Com este quinto volume anual do seu *Boletim*, correspondente ao presente ano 2012, a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP) quer oferecer a quantos a apoiam, aos simpatizantes e à sociedade em geral, em primeiro lugar, um novo testemunho da atividade que vem desenvolvendo, e ao mesmo tempo alguns contributos de colaboradores (dos quais uns académicos e outros amigos) em campos diversos da cultura, nomeadamente no terreno linguístico-literário, que é o que a AGLP, pela sua mesma natureza, cultiva preferentemente.

Com efeito, o *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa* e – noutro nível diferente – o sítio de Internet (www.academiagalega.org) constituem os principais meios de que a AGLP se serve para oferecer aos interessados informação sobre a vida académica.

Os quatro volumes anteriores do *Boletim* podem consultar-se também em rede, na mesma página web da AGLP: 1 (2008), 266 páginas; 2 (2009), 334 pp.; 3 (2010), 324 pp.; 4 (2011), 318 pp.

Como nos anteriores volumes, também este mantém a estrutura em três secções fundamentais: Estudos, Instituição, informação sobre a própria AGLP, e Publicações.

Dois bandos se degladiam diariamente: num alinham os que neste momento detêm o poder autonómico clientes e agentes do Estado Central, com todos os seus recursos, o seu nepotismo e os seus meios de comunicação de massas na mão. Essa aparelhagem política é usufruída pelos dois grandes partidos espanhóis da oposição e do Governo, ambos de tradição unitarista e ambos enfeudados ao longo caciquismo eleitoralista herdado da Monarquia e do Franquismo. Esse é o bando da “Xunta de Galicia” [sic], que, de colaboração com algumas entidades “isolacionistas” esclerosadas, engehou e “oficializou”, de maneira maleficamente subreptícia, umas aberrantes Normas cujo evidente propósito é condenar o galego ao languidescimento como dialecto do espanhol. Confundindo acientificamente língua falada com língua escrita, pretendeu arvorar e perpetuar como instrumento de cultura e criação as formas mais cruas e rústicas do patois híbrido das vilas com o maquiavélico desígnio de perpetrar o seu funeral, com liturgia “autonómica”, como objecto folclórico. Do outro lado, contra esta armadilha da colonização de novo estilo, levanta-se em onda cada vez mais alta a mocidade universitária e trabalhadora que quer uma Galiza galega. À cabeça dessa juventude militam os “reintegracionistas”, em cujo triunfo final eu tenho uma fé inabalável até por razões biológicas. Porque num dia não distante hão-de ser eles os que virão substituir os velhos caciques nas estruturas “autonómicas”, sucursalistas de Madrid, infundindo-lhes sangue novo e renovado sentido nacional. Em poucas gerações poderá a Galiza contemplar o seu velho rusticado rosto no límpido espelho da língua portuguesa, que lhe devolverá a sua imagem real e ideal de Terra redimida e livre e orgulhosa da sua voz. Que virá então a tomar o seu lugar de antiguidade no coro ecuménico, terceiro do mundo, de europeus, americanos, africanos e asiáticos que se exprimem na língua de Camões, de Rosalia e de Machado de Assis.

Ernesto Guerra da Cal, “Antelóquio indispensável” in Futuro imemorial (Manual de Velhice para Principiantes), Lisboa, Sá da Costa, 1985, pp. 10-11.

Estudos

Psicopolítica e emancipação intercultural

A questão Galiza,
Brasil e Lusofonia

Evandro Vieira Ouriques*

Resumo

O autor trata da perspectiva psicopolítica como a melhor convergência para a ação emancipatória e examina a questão estratégica que envolve Galiza, Brasil e Lusofonia: O desafio da Galiza é um complexo e sistêmico efeito do estado mental *crescimento ilimitado*. Mostra como este estado mental é construído com operações psicológicas para gerar efeitos políticos (como fazem a dupla panóptica da concentração de mídia aliada à da vigilância digital, fortalecida pela neurociência para fins políticos e mercadológicos) e incluem para isto a cartilha do sujeito do *auto-controle* e dos balanços anuais. O artigo trata, então, de como fazer a apropriação emancipatória desta cartilha que liberta do ataque epistemocida inserido no primeiro de seus cinco treinamentos, permite que Galiza, Brasil e Lusofonia (reintegrados) dêem exemplo ao mundo de como emancipar a comunicação intercultural.

Palavras-chave

Psicopolítica, Galiza, Brasil e Lusofonia, Comunicação Intercultural.

Abstract

The author addresses the *psychopolitics* perspective as the best convergence for emancipatory action and examines the strategic issue that involves Galiza, Brazil and Lusofonia. The challenge of Galiza is a complex and systemic effect of the *mental state unlimited growth*. He shows that this *mental state* is built through *psychological operations* to generate political effects (as do the double panoptic concentration of media combined with digital surveillance, strengthened by neuroscience for political and marketing purposes) and they include for it the manual of the *subject of self-control and annual balances*. The article shows how to make an emancipatory appropriation of this manual, which -free of the epistemocid attack inserted in the first of his five trainings- allows Galicia, Brazil and Lusofonia (reintegrated) give an example to the world of how emancipate intercultural communication.

Key words

Psychopolitics, Galiza, Brasil and Lusofonia, Intercultural Communication.

* Agradeço a colaboração decisiva de minha esposa, Estelita de Amorim Ouriques.

Dedicado a Concha Rousia, Esther Rodríguez e Sandra Korman

*Podem tapar-te os olhos pela força
Podem impedir que vejas o mundo
Mas nunca poderão convencer-te
de que és cega se tu não permites...*

Concha Rousia

Antes do começo

Que posso dizer da Galiza, para a Galiza (*Mãe da minha Fala*¹) e da Galiza para o Mundo que os leitores não saibam melhor do que eu, em minhas circunstâncias² de brasileiro pós-Lula, e nas da Lusofonia, quando persiste, globalizado, o ataque epistemocida? E o que dizer neste exato momento? Quando a crítica à insustentabilidade do estado mental chamado *crescimento ilimitado* voltou a ser socialmente aceita, uma vez que ele continua a se perpetuar, como vimos na Rio+20, e o ceticismo avança, face ao descrédito do intelectual, cooptado; do político, histriônico; do indivíduo, capturado; e da mídia, a por em cena a mediocridade ambiente (...) “sem subjetividade, nem objetividade”, como observou Lukács (Maffesoli, 2007:10)? Enfim, qual a principal convergência de ação quando se quer o vigor de atos de respeito à diversidade cultural, à solidariedade, à sustentabilidade?

A questão

Sabemos que a Galiza é um caso extremo na história de substituição linguística, como mostra Higinio Martins³, uma “nação desnacionalizada (mais do que os também desnacionalizados Países Cataláns ou do que Euskal-Herria)”, segundo António Gil Hernández (*apud* Bouzon, 2010:146), e que

¹ António Gil Hernandez lembra que afirmar que “o galego = português induz à certa confusão na explicação racional, enquanto promove justamente o que parece negar (galego ≠ português)”. Ele deixa claro que, “embora um pouco mais longo, teria de se dizer: as falas galegas, portuguesas, brasileiras, luso-angolanas, luso-moçambicanas... todas elas se correspondem com a escrita do português, da língua portuguesa”. Em conversa que tivemos em uma rede social, em 25 de agosto de 2012.

² De acordo com o professor Adriano Moreira, presidente da Academia das Ciências de Lisboa, “cabe ao Brasil um papel extremamente importante na dinamização destes problemas. Não apenas pela dimensão do Brasil, pela dimensão populacional do Brasil que fala português, mas pela presença e importância que sente o Brasil na organização internacional” (Vários, 2010:237).

³ O professor Higinio voltou a sublinhar esse fato em conferência no simpósio *Do Desenvolvimento ao Envolvimento: o futuro das políticas públicas, das redes e dos empreendimentos sustentáveis na América Latina e no Caribe*⁵, que organizei na Universidade de Santiago do Chile em 2010. <http://evouriques.wix.com/dodesenvolvimentoaoenvolvimento>

Carvalho Calero definiu como tendo “uma história clínica”⁴ (Santalha, 2009:7). Tal substituição linguística, a qual o *galeguismo*, como se sabe, reage através do justo movimento reintegracionista ao domínio linguístico da Lusofonia, faz parte da substituição sistêmica da multiplicidade das narrativas psico-linguístico-culturais pela devoção fundamentalista ao *crescimento ilimitado*, com sua destrutiva e monótona narrativa de concentração de renda sincrônica à concentração linguística, que desperdiça modos de ver o mundo sobre temas vitais de hoje, como solidariedade, auto-gestão, saúde, arte, biodiversidade, sustentabilidade, etc.⁵

A história oficial e mediática, para as quais o mundo começou na experiência helênica, tem sido a história desta dupla concentração. Na Península Ibérica, por exemplo, sabemos, a concentração castelhana ataca o Galego⁶, o Basco, as falas asturo-leonesas, o Aragonês, o Catalão, e mesmo o árabe (Barbosa, 2008:106); no Brasil, que se pensa ser monolíngue e de cultura única, mas não o é, cerca de mil línguas se perderam devido à eliminação física dos falantes durante os agora 512 anos desde o nosso achamento, restando outras 180 sob ameaça (Seki, 2000); e, no mundo, segundo a UNESCO, três mil línguas vão desaparecer até 2020, portanto metade das atualmente faladas⁷.

⁴ O professor José-Martinho Monteiro Santalha, presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa, lembra para dimensionar a tendência desmembradora que tenta separar o galego do português que “os mesmos que negam que o galego seja uma mesma língua que o português admitem normalmente que na época medieval eram a mesma língua, portanto a poesia trovadoresca é um campo comum”. <http://www.udc.es/dep/lx/cac/vo/20060221L/20060221L.m3u> (a partir do minuto 04:09)

⁵ São muitos os estudos nesse sentido, por exemplo, os realizados na tribo Amuesha, do Alto Amazonas Peruano, concluiu que a iminente perda de falantes está prejudicando a diversidade dos cultivos, pois os ancestrais dos povos guardam precioso conhecimento, como também entre os Maorí, sobre crescimento de plantas, solos e nutrientes, nichos ecológicos e comunidades ecológicas, assim como processos paisagísticos.

<http://www.unesco.org/new/es/culture/themes/endangered-languages/biodiversity-and-linguistic-diversity/>
⁶ “Google Translate é unha ferramenta moi útil para aqueles que operamos nun entorno plurilingüe. Esta ferramenta do coñecido buscador permite traducir palabras, textos ou sitios web completos cunha certa fiabilidade. Mais como calquera aplicación deste tipo presenta desde imprecisións até erros que fan que non poidas confiar ao 100% nas súas traducións, xa que nalgúns casos poden chegar a ser mesmo ofensivas. Este é o caso da tradución ao español das palabras inglesas “freeloader” e “cowardly”. Dentro das distintas posibilidades que ofrece Google, aparece a expresión “gallego” para verbas que significarían “aproveitado” e “covardemente”:

<http://galizanouk.com/google-traduce-adxectivos-pexorativos-como-galleg/> O mesmo acontece no próprio dicionário da Real Academia Española, onde gallego tem acepções como “tonto”, que será retirada na edição de 2013; porém nela será incluída a expressão “mesa gallega” ou “mesa de gallegos”, que quer dizer ou “aquella en la que falta el pan de trigo” ou, precedida pelo verbo *hacer*, significa “llevarse todo el dinero del contrario en el juego”:

http://elpais.com/diario/2009/03/18/galicia/1237375095_850215.html

⁷ <http://www.unesco.org/new/es/culture/themes/endangered-languages/>

Qual a melhor estratégia portanto, o ponto de convergência da ação, para o Galego vivo, o Brasil multicultural e a Lusofonia, fortalecida com sua reintegração à origem⁸, frente à esta situação?

Dito de outro modo, como Galiza, Brasil e Lusofonia podem escapar da articulação concentração linguística-concentração de renda neste momento em que cerca de 8% da população mundial controla 80% de toda a “riqueza”⁹? E quando, se há sinais de emergência de novos polos de poder, há também sinais de que a “riqueza” continuará concentrada a médio prazo nos Estados Unidos e na Europa¹⁰?

Sem dúvida temos tido avanços importantes no mundo, como no Brasil, na América Latina, nas *primaveras árabes*, no *movimento dos indignados*, nos *Occupys*, no emergente 15M rural, que luta pela *democracia direta*, tendo em vista “o abismo intransponível entre os representantes e os representados” (Maffesoli, 2007:10).

⁸ A Lusofonia vem aumentando o seu poder. Por exemplo, o governo de Windhoek movimentou-se em agosto de 2012 para solicitar a adesão da Namíbia a membro observador associado da CPLP-Comunidade dos Países de Língua Portuguesa: 110 mil de seus dois milhões de habitantes são lusófonos. O governo português acenou com sinal positivo.

<http://diarioliberalidade.org/mundo/lingua-educacom/30200-mais-110-mil-galeg%C3%B3fonos-podem-ampliar-a-cplp-com-a-chegada-da-nam%C3%ADbia.html>

⁹ “In more recent years, several global financial institutions have been releasing their own annual calculations on worldwide wealth concentration. Among these efforts: the World Wealth Report from Capgemini and Merrill Lynch Wealth Management, the Global Wealth report from the Boston Consulting Group, the Global Wealth Report from the Credit Suisse Research Institute in Zurich, and the World Ultra Wealth Report from the Singapore-based Wealth-X. Taking a longer range perspective: The Next Decade in Global Wealth Among Millionaire Households, an analysis from Deloitte LLP” (Veja nota 8). <http://inequality.org/global-inequality/>

¹⁰ “According to our analysis, the total wealth of millionaire households in the 25 economies included in this study is forecast to grow from \$92 trillion in 2011 to \$202 trillion in 2020. Our study suggests that the rebalancing of global wealth is expected to accelerate over the next decade. Emerging market (EM) economies are likely to prove to be more dynamic in terms of growth rates, creating significant opportunities for wealth managers seeking to gain a share of these potentially lucrative markets. Among emerging markets, China may continue to be the driving force in the growth of millionaire wealth, followed by Brazil and Russia. Of the 25 economies examined in this study, China and South Korea are likely to join the top10 in terms of the total number of millionaires by 2020. However, there is a paradox at the heart of this story. According to our stud, inspite of the rapid growth of wealth in the EM economies, U.S. and Europe will remain the global centers of wealth over the next decade, in terms of both the amount of wealth held and the number of millionaire households. Our analysis indicates that aggregate wealth of millionaire households in the U.S. in 2020 will likely reach \$87 trillion, from \$39 trillion in 2011. Our forecasts suggest that, in 2020, 43% of the world’s wealth among millionaire households will be in the U.S. Opportunities for growth potentially exist via greater U.S. state penetration. In the U.S., California will likely have the most number of wealthy households, while New Jersey may continue to have the greatest density. The East Coast is likely to see the highest growth rates — New York and Florida together may add 1.5 million new millionaire households by 2020.” http://www.deloitte.com/assets/DcomUnitedStates/Local%20Assets/Documents/FSI/US_FSI_Next%20Decade%20in%20Global%20Wealth%20Executive%20Summary%20Fact%20Sheet_050411.pdf

Portanto a questão é como converter esse sucesso inicial em desencadeamento sistêmico de transformação política efetiva e continuada que recusa winnicotianamente a se instalar na *desilusão* (Winnicott, 1975:201), pois “ainda que exista, em termos econômicos, um abismo claro e crescente (...), a divisão política não segue o mesmo padrão. (...) as forças de centro-direita ainda comandam aproximadamente metade da população mundial, ou pelo menos daqueles que são politicamente ativos de alguma forma” (Wallerstein, 2012).

A pista para a escolha de nossa estratégia está em compreender como tal dupla concentração consegue avançar: através da *ação psicológica*. Como eu disse em outro lugar (Ouriques, 2012b), a capacidade da ação psicológica provocar mudança na *agência individual* e na *multidão* é claramente percebida pelos (1) velhos mediadores do *coronelismo mediático* (Santos, 2011), pelo (2) caráter panóptico da internet sublinhado por Marcos Dantas (Pereira & Brito, 2011), pelos (3) estudos avançados de neurociência para fins políticos e mercadológicos e pela (4) história da guerra em sua atual geração: a da *guerra psicológica*, baseada na

“disciplina de gerenciamento da percepção, dirigido, essencialmente, para o uso da informação com o fim de confundir, decepcionar, desestabilizar e desbaratar uma população ou um exército adversário (...). O importante, nessa guerra, é a inserção de falsidades na percepção do adversário, prevenindo-se de que ele possa fazer o mesmo, e a adivinhação de seus segredos, garantindo um domínio na condução da ação pelo poder de decepção adquirido.” (Antoun, 2008:13)

A estratégia do genocídio utiliza o mesmo princípio. Seguindo com Antonio Miguez a teoria de G. H. Stanton (1998) (*apud* Sanmartin, 2010:184), verificamos suas oito fases: (1) *Classificação*, feita em época de paz, quando os genocidas separam-se dos ‘inimigos’; (2) *Simbolização*, quando faz aderir, através sobretudo da pedagogia e da mídia, símbolos negativos ao “inimigo”; (3) *Desumanização*, quando logra-se definir o “inimigo” como “não-humano”; (4) *Organização*, atendendo à demandas de quem o controla; (5) *Polarização*, com o agravamento, inclusive legal, da tensão; (6) *Construção de listas de morte*; (7) *Extermínio*, sempre organizado e programado pela força; e (8) *Negação*, quando “os perpetradores de genocídios cavam tumbas coletivas, queimam corpos, tratam de ocultar toda evidência e intimidar testemunhas (...) mesmo muitas décadas depois dos factos” (*op. cit.*:185).

Portanto, dos oito pontos do genocídio, sete são *operações psicológicas* para gerarem efeitos políticos, portanto são *operações psicopolíticas, mentais* (o fluxo de pensamentos, afetos e percepções), e apenas um é o extermínio propriamente dito. É assim que as *operações mentais*, conscientes de que sociogênese e psicogênese são apenas uma, contaminam o *território mental* (Ouriques, 2009b) dos indivíduos com os estados mentais esquizo-

frenogênicos do aburguesamento das políticas públicas e com o pesadelo evolucionista de que *riqueza e felicidade* seria no futuro sentar ao lado do *Pai*, nesta cosmologia um aristocrata tecnologizado, quando já o 1º *Relatório do Clube de Roma, Limites ao Crescimento*¹¹, de 1972, advertia não existirem recursos naturais para produzir tais produtos e serviços para todos:

“se as pessoas (...) alcançassem subitamente o modo de vida dos norte-americanos, o mundo precisaria de mais quatro planetas para fornecer os recursos para seus produtos e absorver os respectivos resíduos. A capacidade de suporte da Terra já está passando dos limites em cerca de 40% -e isso quando ainda metade da população mundial vive em verdadeira pobreza.” (The Worldwatch Institute, 2010:187)

Estamos portanto com imensa oportunidade nas mãos, pois

“(…) quando os colonizadores nos dizem que os nativos estão florescendo, prosperando, fariamos bem em ser cautelosos. Os problemas aparecem quando os próprios nativos nos dizem que estão prosperando. (...) Não teríamos nós paternalizado os colonizados o bastante, sem informá-los de que são cabeças-duras demais para se darem conta de que são miseráveis?” (Eagleton 2005:179).

A oportunidade

Trata-se assim da oportunidade de investigarmos com *sinceridade* (Ouriques, 2010b) o quanto mantemos em nossas atitudes e estratégias o padrão pós-colonial? E o que fazer então para descolonizarmo-nos? Para que não façamos “mais do mesmo”?

É por isso que trago aqui como escapar deste duplo fechamento mental pós-colonial: por um eixo, o (1) da unidimensionalização pela narrativa do *crescimento ilimitado*, que vem pela pedagogia, senso comum, *design*, literatura, artes, teorias, e, sobremaneira, pela convergência das mídias; e, pelo outro eixo, o (2) do próprio indivíduo, que acredita serem seus tais estados mentais, movidos pela *ignorância*, pelo *ódio* e pela *ganância*, e seus conexos, que empiricamente o atravessam e assim falam por ele.

“As forças antigas da ganância humana e da violência, reconhece-se, conseguiram apenas encontrar uma nova legitimidade nas doutrinas antropocêntricas da salvação secular, nas ideologias de progresso, normalidade e hiper-masculinidade, e nas teorias de crescimento cumulativo da ciência e da tecnologia.” (Nandy, 2011:X).

Tais forças antigas afastam o *território mental* das experiências da solidariedade, do respeito à alteridade, da justiça social, da equidade econômica,

¹¹ <http://www.clubofrome.at/about/limitstogrowth.pdf>

enfim das políticas públicas sociais orientadas pelos Direitos Humanos e pelos Direitos da Terra: todos estes outros nomes da cooperação; da atitude, como dizem os galegos, que *agarima* (protege, ampara, trata com carinho); enfim, do *amor*; que da poesia e da prosa precisa migrar para a economia e a política, pois o *amor* é que é a base do biológico, do psíquico, do linguístico, do social.

Os organismos surgem, se mantêm e transformam-se no exercício autopoietico de coordenações ontogênicas consensuais, que reafirmam a todo momento o prazer de con-viverem na aceitação mútua, em recorrências de interações cooperativas (Maturana & Varela, 2001). O mesmo é o que funda a *linguagem*, esta prova viva de que não só é possível a *unidade* na *diverdade*, mas que também a cooperação fraterna é o princípio organizador da experiência societal, pois “as palavras são nodos de redes de coordenação de ações” (Maturana, 1997:105-106) e o *social* o domínio de acoplamento estrutural recíproco; de aderência biológica, do prazer da companhia, do vínculo, que durará tanto quanto dure a alegria de estar junto.

É este estado mental de *discernimento* -em oposição à ignorância; de *amor* -em oposição ao ódio; e de *ação desinteressada* -em oposição à ganância, que precisa ser vivido psicopoliticamente. Pois é muito mais frequente e comum do que gostaríamos que indivíduos, redes, organizações, partidos, movimentos sociais, projetos, produtos e planejamentos estratégicos, etc., sejam capturados pelos mesmos valores que querem ver superados no plano supostamente “social”; e, assim impregnados pela ignorância -mesmo que “culto”; pelo ódio -de *si* ou do *outro*; e pela ganância -mesmo que seja pelas verbas para “salvar o mundo”, apresentem atitudes insustentáveis e antidemocráticas na maneira como agem (Ouriques, 2009b).

Esta alarmante pandemia no *território mental* é que tem comprometido psicopoliticamente o poder das forças de transformação, e é urgente tomar consciência disto, na medida em que a constante geral nas vítimas de genocídio é a “atitude de estar passiva, na confiança em que nada grave se passaria e que, em qualquer caso, não se ultrapassaria um determinado grau de repressão” (*apud* Sanmartin, 2010:185). Continuaremos a agir da mesma maneira em relação as mesmas coisas, com os mesmos resultados que obtve-se até hoje?

Tais “coisas” já foram longe. Indignado com as fraudes sistêmicos nos mercados financeiros, o economista Randall Wray afirmou que “somos controlados por ladrões” (Belluzzo, 2012). Para outro especialista estamos diante do “colapso moral definitivo dos grandes bancos (...) os quais estão por trás de uma feroz resistência aos esforços para sua regulação feitos na Europa e nos EUA” (Assis, 2012). Isto me faz lembrar dos anos 80 e 90 quando eu era dos poucos a discordar da “virtude” da desregulamentação financeira e da crucificação do Estado e do servidor público, época em que os bancos

comerciais passaram das operações de empréstimos-depósitos para o terreno da “securitização” de

“recebíveis de todos os tipos, em especial os baseados em empréstimos hipotecários, dívidas de cartões de crédito, mensalidades escolares, em suma, todo tipo de *cash flow* com alguma possibilidade de ser pago pelos devedores finais. Os bancos trataram de “empacotar” os créditos, os bons, os ruins, os péssimos e remover a “mercadoria” dos balanços, mediante a criação de *Special Investment Vehicles*. Vislumbraram o novo Eldorado. A festa dos mercados de crédito e seus derivativos ia animada, os lucros cada vez mais gordos quando vieram à tona os cadáveres dos devedores NINJA (*No Income, No Job and no Asset*), vítimas e beneficiários dos empréstimos subprime. (...) Agora curtimos as consequências do colapso financeiro e econômico. Esse desastre global juntou miopia, desmonte dos controles internos das instituições e captura dos reguladores. O resultado dessas proezas não foi outro: a enxurrada de manobras fraudulentas, como a manipulação da Libor, a lavagem de dinheiro, ou seja, a completa “indisciplina dos mercados”. (Belluzzo, 2012).

Esta indisciplina intencional é aplicada na Europa com a penalização, inclusive pelas “leis Hartz”¹² alemães (que no Chile se chamam “*leyes Concertación*”), de Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, batizados de *Pigs*, acrônimo triplamente depreciativo, preconceituoso e sintomático: (1) por atribuir o desastre às supostas imperfeições institucionais que teriam fundado as bases do euro, argumento que tenta ocultar que elas resultam da visão “livre mercadista” (*op. cit.*); (2) por fazer isso em inglês, quando o acrônimo soa e é escrito de maneira muito próxima a “porcos”; e, assim, (3) por atribuir, por projeção, mais uma vez à *Natureza*, um comportamento exclusivamente humano, assim como a da tortura o é; no caso a tortura feita ao prometer o que sabe que não vai ser entregue: o padrão de consumo dos segmentos ditos “desenvolvidos”, que segue sendo a cenoura à frente do cavalo.

Nas últimas décadas foi fechado o horizonte estatístico do planeta e hoje sabemos o que de fato está acontecendo: a imagem que emerge é trágica.

“Queremos parar de nos matar de trabalhar para construir coisas inúteis e destruir o planeta. Queremos priorizar radicalmente a melhoria da situação de um bilhão de pessoas que passam fome e de dez milhões de crianças que morrem anualmente de causas ridículas. Queremos a prosaica qualidade de vida, o prazer do cotidiano, em paz, para todos, e de forma sustentável. O sistema hoje vigente produz muitos bilionários, mas não responde aos anseios de uma vida digna e sustentável para todos. Na realidade, agrava todos os problemas, e nos empurra para impasses cada vez mais catastrófi-

¹²http://www.es.lapluma.net/index.php?option=com_content&view=article&id=3972:ah-los-progresistas&catid=94:mundo&Itemid=427

cos. Temos um deslocamento ético fundamental pela frente: parar de nos admirar com a fortuna dos afortunados, como se fossem símbolos de sucesso. A ética do sucesso deve estar centrada no que cada um de nós, individualmente ou em atividades institucionais, contribui para melhorar o planeta, e não no quanto consegue dele arrancar, ostentando fortunas e escondendo os custos.” (Sachs *et alli*, 2010)

É assim que é decisivo entender que os desafios de Galiza, Brasil e Lusofonia são os mesmos desafios dos povos sobre a Terra, como lembra muito bem Artur Alonso, pois “(...) estão todos imergidos nas mesmas lutas globais, na mesma necessidade de guardar e proteger a memória, a identidade (...) [,] caminhando todos sobre o mesmo ventre materno...” (Barbosa, 2011), desafiados a parar de admirar “a fortuna dos afortunados”, a parar de odiarmos ou de odiar quem quer que seja, pois é o ódio que alimenta tal “fortuna”.

O estratégico, como disse o escritor açoriano Cristovão de Aguiar, é “desvencilhar-me dos muitos caudilhos que ainda me amarram a um cais de onde nunca embarquei e nem sequer me lembro se em cima dele fui ficando permanecido”¹³ (*apud* Chrystello, 2010:200). Nicolas Dirks é cirúrgico:

“o mundo pós-colonial é aquele em que podemos viver depois do colonialismo, mas nunca sem ele. O colonialismo continua a viver sob maneiras que talvez tenhamos apenas começado a reconhecer. (...) Estamos diante dos deslocamentos extraordinários do colonialismo para os nossos sentidos de Self e de sociedade.” (Dirks, 1992:23)

Dentre estes deslocamentos está a esquerda desenvolvimentista, que recusa rever o conceito ‘riqueza’ (Silva & Ouriques, 2010), e a Academia movida pelo seu financiado *dissenso consentido*, na qual “a rebelião se torna pouco a pouco uma questão de aprender a prática radical correta de acordo com textos produzidos nas cidadelas globais do conhecimento” (Nandy, 2003:118):

“... eles produzem não apenas modelos de conformidade, mas também modelos de “dissidência oficial”. É possível hoje ser anti-colonialista de uma forma que é especificada e promovida pela visão de mundo moderna como “boa”, “saudável” e “racional”. Mesmo quando na oposição, esta dissidência permanece previsível e controlada.” (*id.*:XII)

¹³ Aproprio-me desta frase usando-a em contexto distinto daquele em que ela foi pronunciada, e faço isto por encontrar sincronicidade entre o que nele motivou-a e o que aqui motiva-me. Lá, Cristovão disse-a a propósito dos históricos *Colóquios da Lusofonia*, na Lagoa em março/abril de 2009, no qual se enfatizou o extraordinário valor da açorianidade contemporânea e o papel deste escritor que “conseguiu provar com a sua prolífica produção literária aquilo que mais se entreteve a negar: a existência de uma literatura açoriana” (Chrystello, 2010:191)

A repetição *ad nauseam* dos estados mentais *ignorância, ódio e ganância* gera nos que se opõem a eles pelo menos três tipos de reação: (1) os de uma apática ou agitada adesão inconsciente; (2) os da *tristeza e desesperança*; e (3) os da *raiva* e desejo de *vingança*¹⁴. Os dois últimos resultam da decepção propositalmente provocada pelas citadas operações psicopolíticas, como vimos (e que estão alinhadas com a fraqueza apontada por Nietzsche quando diz que o sofredor prescreve o mel da vingança para seu sofrimento); e os três -como se o mal fosse uma exterioridade absoluta, tornam-se imprints diários, respiratórios (voltarei a este aspecto), constelações históricas, *Lebenswelten*, que retro-alimentam o *status quo*.

É preciso calar esse *monólogo* (Domingos, 2012), o do *crescimento ilimitado*, manifesto na industrialização, Iluminismo, cultura protestante de prestar contas, qualificação e competência profissional e economia baseada em crédito (Welzer, 2012:16). E como calá-lo?

Do Controle à Observação

“A vocação da análise, como a da própria letra, é que seu comum espírito nos empurre à ação libertadora”

Félix Casal (2010:314)

Decepcionado com as meta-narrativas que foi capaz de epistemocidamente criar, o Ocidente consolidou na pós-modernidade a garantia da inexistência de qualquer *sentido* e e colheu a totalização pela “verdade absoluta” do estado mental *capital*, baseada na incapacidade de controlar os estados mentais referidos da *ignorância, ódio e ganância*. Assim, os movimentos sociais dispõem basicamente ou da *economia política*, que os devolve à tríade evolução/progresso/desenvolvimentismo, ou os *estudos culturais*, que malgrado suas imensas conquistas, se vê envolvido com as ilusões do pós-modernismo, a respeito das quais Terry Eagleton faz “uma observação sinistra”:

“O conjunto de sua obra acerca do racismo e da etnicidade, da paranóia de pensar a identidade, dos perigos da totalidade e do medo da diferença: tudo isso, junto com seus insights aprofundados sobre as artimanhas do poder, sem dúvida revelar-se-ia de considerável valor. Mas seu relativismo cultural e seu convencionalismo moral, seu ceticismo, pragmatismo e bairrismo, seu desagrado com as ideias de solidariedade e organização, sua falta de qualquer teoria adequada de acção política: tudo isso ia depor muito contra ele.

¹⁴ Se “o *espírito de vingança*: meus amigos, tal foi até hoje a melhor reflexão dos homens” (Nietzsche, 1999:127) está mais que na hora de provar que somos fundados no primado da autonomia e da criatividades.

No confronto com seus adversários políticos, a esquerda, hoje mais do que nunca, precisa de sólidos fundamentos éticos e mesmo antropológicos: é provável que nada menos do que isso nos possa suprir dos recursos políticos que necessitamos. E, nessa área, o pós-modernismo acaba sendo mais parte do problema do que da solução”. (Eagleton, 1998:130)

Portanto, atentos ao fato da *economia política* lembrar que os direitos sociais e políticos, bem como a *free culture*, não se transformam substancialmente em direitos econômicos, é preciso então superar o ponto cego destas teorias: da primeira, como dito, a captura pelas *teorias do progresso* (Carvalho, 2008); do segundo, ouçamos novamente Eagleton:

“Tem sido acanhada [a teoria cultural] com respeito à moralidade e à metafísica, embaraçada quando se trata de amor, biologia, religião e a revolução, grandemente silenciosa sobre o mal, reticente a respeito da morte e do sofrimento, dogmática sobre essenciais, universais e fundamentos, e superficial a respeito da verdade, objetividade e acção desinteressada. Por qualquer estimativa, essa é uma parcela da existência humana demasiado grande para ser frustrada. Além disso, esse é um momento bastante embaraçoso da história para que nos achemos com pouco ou nada a dizer sobre questões tão fundamentais” (Eagleton, 2005:144).

Sem dúvida. Vejamos então os fundamentos da narrativa do *crescimento ilimitado* para tratarmos de avançar as teorias e metodologias disponíveis. Já na década de 70, Roger Garaudy sublinhava que desde o século XVI o postulado de três primazias moveram o Ocidente (Garaudy, 1978). A partir dele, as comento:

- A *primazia da ação e do trabalho*. Primazia que move o “produtivismo”, é a que moveu Fausto: paradigmática do pacto com o “inimigo da luz” (“os seres humanos não prestam e por isso eu sou como eu sou”) para suspender a Morte (e portanto a Vida) e obter a técnica e o “progresso” mesmo que sofra ao final. Gera tanto as revoluções burguesas quanto as socialistas. Apenas os anos 60 vão questioná-la com os valores da festa e da dança, instauradores do *ato de viver*, da *pulsação*, da celebração da *dádiva* (Godbout, 1999) e, portanto dos *Direitos Humanos* e dos *Direitos da Terra*;
- A *primazia da razão*. É necessário aqui desfazer antiga confusão que jogou o bebê fora junto com a água do banho: confundiu-se a *razão instrumental* com a *Razão*, em verdade formada também, por exemplo, pela *razão cognitiva* e pela *razão axiológica* (Ouriques, 2012a). Nesse sentido pode-se dizer que o Ocidente não é a morada da razão, mas o exílio da verdade (Jambet, 2005). Para a *razão instrumental* o que importa é o *como* e nunca o *porquê*, opção que resulta na *ausência de finalidade*, na *ausência de sentido*

(Ouriques, 2010a). É a tal *ausência* que se dirige o consumismo com a irresponsabilidade sistêmica de indivíduos e sociedades à beira do *colapso psicótico*¹⁵ (Melman, 2003) e assim aditos, em *estado de perversão*, a um objeto do real ou imaginado que supõem dar tal conta. Daí também o *excesso de meios*, no qual qualquer outra questão e dimensão, como *amor*, *objetividade*, *verdade* é descartada como “teológica” ou “metafísica”;

- A *primazia do "mau infinito"*. Em Garaudy é o do infinito puramente quantitativo, em que tudo que é tecnicamente possível é desejável e necessário. Agrego: esta primazia surge na operação epistêmica da morte da *Natureza*, na criação da filosofia, que a reduziu a recursos, operação mental superável apenas pelo vigor epistêmico da Cultura como um modo da Natureza, ao qual me dedico e neste artigo voltarei.

Compreendidas estas primazias, vejamos então a cartilha deste resultante “sujeito do auto-controle contínuo e dos balanços anuais” (Melzer:2012:17), que mostra como tal treinamento psicopolítico é feito na direção da *servidão*. A seguir, mostro como ele pode ser usado a partir da visão epistêmica, acima referenciada, a favor da *emancipação*.

Este sujeito [do qual temos muito ou pouco, e dificilmente nada], ao introjetar aquilo que pode e deveria ser, liberta-se, sim, de antigas obrigações externas como, por exemplo, as coerções feudalistas, mas passa a assumir tanto “deixar uma obra de vida na Terra”¹⁶ quanto, por imposição, novas coerções e necessidades de orientação que até então desconhecia: “categorias como *responsabilidade própria*, *disciplina* e *vontade* tornam-se significativas para o indivíduo em formação a partir do momento em que ele não apenas pode como também deve “tornar-se alguém” na vida” (Welzer, 2012:16).

Prossegamos então, com Harald Welzer, a examinar o essencial dessa cartilha: se na era pré-moderna a vida teria sido um caminho de tempo sem grandes variações que antecedia a morte, depois da qual existiria uma felicidade no “além”, “absorver dentro de si o máximo possível do mundo”, como disse Humboldt, produz uma crescente pressão de “economicizar” a si mesmos e à vida. Este modo de condução da vida exige aceitar e incorporar dois princípios: (1) *controlar*, *medir* e *observar* através de (2) “alto grau de auto-coerção, de coerção interna” (*id.*).

¹⁵ Portanto o caso é bem mais grave do certas formas de neurose. Trata-se de formas graves de “desestructuración das personalidades. Personalidades elásticas, cun índice de viscosidade moi baixo, personalidades ductiles e descentradas” (Lorenzo, 2007:8), vagantes.

¹⁶ (Brose/Hildenbrand, 1988:13, *apud* Welzer, 2012:16: Brose, Hanns-Georg/Hildenbrand, Bruno (1988): Biographisierung von Erleben und Handeln in: Vom Ende des Individuums zur Individualität ohne Ende, Opladen, p. 11-30.

E Welzer sintetiza brilhantemente:

“O máximo possível do mundo”. Nessa expressão enfática, o horizonte do valor burguês-capitalista do “melhor, mais e mais longe” infinito parece estar voltado para dentro. A própria individualidade se torna uma tarefa continuada de desenvolvimento com degraus e metas claras, ou seja, o sucesso biográfico se torna mensurável. O “homem econômico” (“*ökonomischer Mensch*”, Joseph Vogl) (...) se notabiliza pelo fato de que precisa documentar e justificar para dentro e para fora os seus próprios progressos em um universo exato e cada vez mais consolidado de provas, balanços e prestações de conta. Como já apontou Max Weber em seu famoso estudo *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, o homem econômico e sua estratégia de auto-observação se formam a partir do tipo de empreendedor burguês e do profissional que capta cada movimento em seus atos de negócio, em uma constante busca pela otimização dos seus processos e sistemas: “Com os livros de contabilidade faz-se um tipo de diário de negócios que controla o fluxo comercial a partir do fio condutor de todos os eventos que ingressam, e logo continua como disciplina escrita do autoexame continuado. (...) Cada dia que passa (...) é dia de balanço e de julgamento, e é analisado segundo o seu rendimento”¹⁷. (*op. cit.*:17)

Temos portanto aí quase todas as atitudes mentais que necessitamos para fazer, sob minha perspectiva psicopolítica, teórica e metodológica (Ouriques, 2002, 2006, 2007, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2011, 2012a, 2012b, 2012c), a gestão do próprio *território mental*, a *gestão da mente*¹⁸, e descolonizarmo-nos em rede¹⁹. Ei-las:

- rigorosa auto-observação de si, do horizonte interno, pelo controlar, medir e observar através de um intenso grau de autoc coerção através da responsabilidade própria, disciplina e vontade;
- trazer para dentro de si o máximo do mundo;
- paciência e perseverança estoicas (talvez por isso por outro lado hiperhedonista);
- julgar e justificar para dentro e para fora e prestar contas diárias, de maneira documentada, de seus avanços;
- otimizar constantemente sua performance;

¹⁷ Welzer cita Vogl, Joseph (2009): Poetik des ökonomischen Menschen. Metamorphosen des Subjekts in der Moderne, Literaturkritik.de, Nr. 5.

¹⁸ Apresentada pela primeira vez, sob a forma da *Gestão da Mente Sustentável: o Quarto (e último) Bottom Line*, na Conferência Internacional do Instituto Ethos, São Paulo, Brasil, 2005. Com ela tive a oportunidade de solucionar o pornto cego do modelo *Triple Bottom Line*, o modelo com que os três setores tentam obter a sustentabilidade.

¹⁹ Como em Nietzsche, “não é a altura que terroriza; o que aterroriza é o declive! O declive, donde o olhar se precipita para o fundo e a mão se estende para o cume” (Nietzsche, 1999:129).

Porque eu disse quase todas? Porque as quatro últimas são potencialmente emancipatórias. A que precisa ser ajustada é a primeira, e em dois aspectos. As tarefas aprendidas nesta atitude precisam ser exercitadas:

- em ordem inversa -ou seja, observar, medir e controlar; senão o sujeito estará reificando o postulado do controle sobre a Vida (a Natureza) insistindo no *crescimento ilimitado*;
- e passar da *auto-coerção* para a *auto-coesão interna*, pois o vigor da Diferença, ameaçada pela unidimensionalidade do *crescimento ilimitado*, depende do vigor da *identidade* (logo tratarei da questão), do vigor do *falante*, de sua *língua*, de sua voz efetivamente própria; o que só é possível através do “enraizamento dinâmico que, reencontrando os grandes eixos do pensamento de Spinoza, efetivamente frisa que o homem é uma parte da natureza” (Maffesoli, 2007:139-140).

A Natureza como Viva

Temos portanto duas questões a tratar: a da *Natureza* e a da *Identidade*. Quando falo em *Natureza* faço-o de uma perspectiva epistêmica radicalmente distinta, coerente com a de Spinoza, por exemplo, segundo a qual a invenção do mundo, vale dizer, a ideia de Natureza, não implica necessariamente na invenção de um deus na origem do mundo e muito menos em sombras de deus; mas na ideia de uma Natureza a um só tempo des-divinizada e pulsando em princípio aberto, a *autopoiesis*, que permitiu e permite a vida humana. A Natureza como viva (Sheldrake, 1993).

E isto muda tudo, pois a maioria das pessoas não sabem disso e a teoria social a ignora. Como sublinha Reich, a visão dos povos originários em relação à “vida (...) não foi mística, como é nossa visão hoje; também não foi espiritualista nem metafísica. Foi animista. A natureza foi considerada “animada”, mas essa animação derivava das próprias sensações e experiências reais do homem” (Reich, 2003:95).

É disto que se trata:

- em primeiro lugar, portanto, o treinamento é observar os princípios organizadores concretos da Natureza, sua propensão, força e maneira, *matinar* bem (pensar com empenho), como se diz na Galiza, não sobre como ela “deveria ser” mas como ela “é”;
- e, em segundo lugar, só então medir e controlar não os resultados da imposição da Cultura sobre a Natureza, mas os estados mentais e seus efeitos na Natureza.

Para este treinamento é necessário superar outra limitação, a pós-moderna em relação ao conceito de *identidade*. *Identidade*, aqui, fala do que permanece no sujeito igual apenas a ele mesmo -vale dizer, a sua *Diferença*, e, portanto, o que é ele para além da *dissolução das identidades*, pois esta em determinados contextos pode facilitar a instrumentalidade do falante e sua dessincronia entre palavra e ato.

Do ponto de vista da psicopolítica como a entendo, a *identidade* é a ocupação que o indivíduo faz de seu próprio *território mental*, pois “na rede de interações linguísticas na qual nos movemos, mantemos uma contínua recursão descritiva -que chamamos de “eu”-, [e] que nos permite conservar nossa coerência operacional linguística e nossa adaptação ao domínio da linguagem” (Maturana & Varela, 2001:254). É por isto que a *responsabilidade sistêmica* (Ouriques, 2012b) depende do grau de *coesão interna*, da *identidade* dos indivíduos, que fundam em sua ação as instituições (Castoriadis, 1999).

“(...) o maior enigma da vida, a função de autopercepção e consciência de si, este enigma está envolto em temor e reverência; às vezes resulta em um assustado assombro, ou mesmo até em completa confusão e desintegração do ego investigador, como na esquizofrenia. Toda luta pela perfeição aparece, sob esta luz, como uma luta pela mais completa integração entre as emoções e o intelecto; em outras palavras, é uma luta pela quantidade máxima de fluxo da bioenergia, sem bloqueios e cisões impeditivas da autopercepção. Portanto, a fusão emocional no abraço genital (excluindo-se a pornografia), com fluxo de bionergia sem obstruções, constitui aquilo pelo qual mais se anseia, o que mais gratifica e o que há de mais belo no sentido estético²⁰.” (Reich, 2003:304).

E como intensificar esta auto-percepção e consciência de si? Através do exercício gradativo e cumulativo dos cinco passos referidos, potencializados sincronicamente com o exercício do *pensamento respiratório*, conceito que construí na interação com os conhecimentos e experiência de Estelita de Amorim Ouriques, minha esposa, a respeito do Yoga Integral e diversas áreas conexas.

Trata-se assim, de observar, em estado de *consciência-testemunha* (*sakshi* em sânscrito, chave no Yoga), o padrão respiratório que está sustentando cada enunciado; o ritmo, o tom, o sentimento, a emoção de todos os momentos da narrativa em sua relação com a intenção compassiva, colaboradora e sustentável, ou não, dos estados mentais que estão sendo autorizados, a cada respiração -a base da língua- a se densificarem em ação no mundo.

Esta prática permite estar em comunicação com a *auto-causalidade*, pois a realidade não inclui a Natureza, a realidade é a Natureza. Este entendimen-

²⁰ Sugiro ver a obra do artista Alex Grey.

to é radicalmente distinto, em rápida referência, do “orientalismo místico” que Kant, Hegel e Schopenhauer supuseram ver em Spinoza, como se ele, ao afirmar Deus como substância única e indivisível da qual tudo é parte, afirmasse que nós e as outras coisas da Natureza não teríamos realidade própria. Quando é justamente a nossa capacidade de observar, medir e controlar nossos estados mentais que qualifica o que nos é próprio; a nossa potência; nosso guiar-se livremente no mundo, sob a orientação de que liberdade e vinculação psico-socio-ambiental são apenas uma (Ouriques, 2006).

Certamente a comunicação a que me refiro com a Natureza não é a da *crença irracional*, ou de um *naturalismo retrógado*, claro que não. É superar um crime de lesa-humanidade. Quando separamos Cultura da Natureza, praticamos a ignorância de oprimir a *língua-mãe*, da qual somos filhos-falantes, o *lugar*, o *espaço* e *tempo* onde todos nos encontramos. E, portanto, por esta desvinculação, esta interrupção do diálogo enquanto o fundamento (Ouriques, 2002), escorregamos da experiência do *amor* para a experiência do *ódio* (se somos matricidas podemos matar nossos irmãos e irmãs); e, então, na *falta* do que se foi sem nunca ter ido, instaura-se a *ganância*, da qual a obsolescência programada de seres humanos, outros animais e objetos em geral, por exemplo, é uma das faces.

Por isto é decisivo compreender a Natureza de um modo não-dualista: nada está fora dela, como em Spinoza, e como dito, pois se formos movidos pelo dualismo de base do Ocidente (a *máquina de fazer dois*, de acordo com Marcio Tavares d’Amaral) ficaremos presos na gangorra sem saída de: ou (1) recusar a Natureza, identificando-a com a metafísica, e portanto como ela sendo o lugar de Deus, ao qual só nos restaria nos adequar, obedecer, e assim desfazermo-nos de nossa potência; ou (2) afirmar a “pura naturalidade” defendida por Nietzsche, o que nos obriga a um outro absolutismo, o da devoção ao deus do azar, da desordem, do caos, segundo o qual tal “pura naturalidade” não obedeceria a nenhuma outra ordem.

Quando em verdade, como falei anteriormente, tal *naturalidade* é a *autopoiesis*; a totalidade aberta, a pulsação da rede da qual todas as tradições dos povos originários falam por já saberem que tudo e todos, inclusive o silêncio, na língua, somos interdependentes. Como fala antigo provérbio hindu: “Quando eu não sei quem eu sou eu sirvo a você. Quando eu sei quem eu sou eu sou você”. Trata-se do que eu entendo ser bom lema nietzschiano de José Manuel Barbosa Álvares: “Desperta do teu sono!”

Para isto ganhamos, nós brasileiros e todos os lusófonos, reintegrando-nos à nossa história comum com a Galiza, pois

“Según Vicente Risco, el sentimiento *da terra* es un componente antropológico y cultural de cada gallego, es una destreza que permite sentir la tierra, un espacio geográfico que se habita; es un tipo de emoción característico del

pueblo rural, que vive unos vínculos tan fuertes con la tierra, que le facilitan la plena identificación y el sentir de la naturaleza y el paisaje.” (Kobiela-Kwaśniewska, 2005:572).

Depois do Fim

Apesar de tanto tempo desde Thomas Hobbes e seu *Leviatã* (1651), sua compreensão negativa do ser humano e da natureza está globalizada. Se somos potencialmente iguais no “egoísmo”, nos ajuda lembrar, para superá-lo, a dupla existência do *narcisismo*: o *primário* (1), *positivo*, cujo objetivo é alcançar a *unidade*, experimentando-a no *encontro* com a *alteridade*; e outro, (2) o *secundário*, *negativo*, parasita do aparelho psíquico, que caminha em direção à morte psíquica, manifesto na tendência de reduzir os investimentos do *eu* ao *nada* (Green, 1988), sendo o retorno ao *eu* da *libido*, retirada dos seus investimentos objetivos.

O sujeito se encapsula na não-objetividade da *perversão*, pois objetividade é “uma abertura solidária para as necessidades de outros, algo que está muito perto do amor. É o oposto do egoísmo, não de interesses e convicções pessoais” (Eagleton, 2005:180); é da ordem de um conceito alvo do escárnio da esquerda: o da *ação desinteressada*²¹ (Ouriques, 2004), portanto em sua origem um conceito político radical, que é

“Essa espécie de simpatia imaginativa (...) [que] se compraz com o bem-estar dos outros com um gosto quase sensual. O desinteresse -que, para a teoria pós-moderna, é a última palavra em matéria de ilusão- é um tapa no individualismo egoísta (...)” (Eagleton, 2005:183-184).

Ação desinteressada é alegria, entusiasmo, impulso “afetual” em direção à Natureza e à Cultura, gratidão e celebração orgiástica da Vida. Dito de outra forma, o *território mental* tomado, dito de uma forma bem sintética, pelo *narcisismo secundário* é o do *desinvestimento pulsional*, de um *desinvestimento na Vida* com o qual ingressa-se no *regime de servidão*, pois é a oscilação, opção e fixação do sujeito entre os pólos narcísico e alteritário que determina a qualidade colaboradora e sustentável da atitude política. A predação do corpo de si (uma vez que o sujeito supõe “ter” um corpo), do corpo do *outro* humano e do *outro* natureza

²¹ “O oposto desta auto-centralidade para a qual o mundo é só uma duplicação imaginária do próprio ego é o que a teoria moderna chama de ‘descentramento’ ou o que tem sido conhecido mais tradicionalmente como o estado de desinteresse. Desinteresse, uma noção hoje quase que universalmente sujeita ao escárnio da esquerda cultural, que aponta sua falsa imparcialidade, cresceu no século XVIII não como o oposto de interesses, mas sim do auto-interesse. Era como uma arma a ser manejada contra hobbesianos e individualistas possessivos. Desinteresse não significa olhar o mundo de alguma sublime altura olímpica, mas uma espécie de compaixão ou sentimento de companheirismo.” (Eagleton, 2005:183)

“se transformam em formas materializadas de ser e de agir das individualidades. Conseqüentemente, a perversão se institui como a maneira por excelência do usufruto dos bens e dos valores que circulam no espaço social. (...) Enunciar que a perversão é a forma fundamental para as individualidades se apropriarem dos bens e dos valores, para o usufruto do seu gozo, implica afirmar que não existe mais, neste contexto, a possibilidade de se estabelecer laços intersubjetivos alteritários e de se instituir relações de reciprocidade, isto porque o outro é sempre manipulado como sendo um objeto para as individualidades, reduzindo-se então a um mero fetiche para incrementar o gozo. (...) Nesta cultura não há mais lugar para certas coisas básicas da existência, como o amor, a amizade, o afeto gratuito e até mesmo o desejo.” (Birman, 1996:131).

Ora, assumir, então, retirar psicopoliticamente da *língua*, do *território mental*, a reafirmação dos estados mentais da *tristeza* e *desesperança*, do *ódio* e *vingança* é “ser politicamente ativo [o que] nos ajuda a criar as condições sociais para a virtude, [pois a política] (...) é também uma forma de virtude em si mesma. É tanto um meio quanto um fim” (*id.*). Isto é difícil? Sim, até a Declaração de Independência dos EUA (1776) reconhece: “de facto a experiência mostra-nos que, enquanto lhe for possível suportar as contrariedades, a Humanidade está mais disposta a sofrer do que a reparar os erros abolindo as formas a que se habituaram”²². Mas se discordamos desta que seria então uma inexorabilidade a atentar contra o primado da autonomia e da criatividade, o que nos resta fazer? Mais do mesmo? Ou uma tomada epistêmica distinta?

“Neste momento é preciso voltar á raiz, a concibir de novo unha vida con sentido (...), e iso dalle unha nova tarefa á literatura, buscar el fondo do humano. É o momento de voltar a intentar a traxedia: a purificación da alma na catarse da dor e do horror, a morte en sacrificio, a morte que ilumina a vida. A morte con sentido e, polo tanto, a vida con sentido.” (Toro, 1997:130)

Os indígenas da tribo dos Fulni-ô²³, que vivem nas terras de Água Bela e que são os únicos no Nordeste do Brasil a terem preservado a sua língua, a Yatê, do tronco Macro-jê, têm um ensinamento decisivo neste ponto. Eles não têm a terceira pessoa do plural e do singular, pois assim tudo que acontece ou é da “minha responsabilidade”, da “sua” ou “nossa”. Não há a quem culpar...

Quando queremos nos opor, resistir, propor, inventar algo realmente novo que desencadeie sistemicamente transformação, precisamos nos despir das roupagens de vítimas e das de algozes dos algozes, esta relação imbricada do *regime de servidão* (Birman, 2006). Ao ser assassinado, Gandhi tombou

²² [http://www.infopedia.pt/\\$declaracao-de-independencia-dos-estados](http://www.infopedia.pt/$declaracao-de-independencia-dos-estados)

²³ <http://www.ufpe.br/nepe/povosindigenas/fulnio.htm>

tendo como sua narração final o mantra Rama (um aspecto de Krishna) que resgata Cita, a esposa de Rama, o arquétipo da alma, então roubada pelo demônio. Ou seja, Gandhi narrou-se na morte referenciado na poética do resgate da *Alma*, da *Grande Alma*, portanto da *Poesia* em seu sentido mais pleno.

Como escreveu-me Concha Rousia um dia:

“Autonomia mental, descolonização é o que mais falta nos faz... temo-nos sentido demasiado impotentes durante demasiado tempo... a poesia é um curativo, tivemos que beber muita poesia para resistir e combater esses pensamentos que nos ajudaram a colocarmo-nos no papel de vítimas (...) temos que nos libertar... psicopoliticamente falando (...).”²⁴

O que se quer preservar, portanto, quando se luta pelo vigor de uma língua ameaçada diante do referido “sujeito do auto-controle e dos balanços anuais” que faz crescer o fenómeno *cidade* em todo o mundo, o que tende a reduzir a diversidade linguística (Conill, 2010)? O relatório 2012 do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT), *Estado das Cidades da América Latina e Caribe*²⁵, mostra que o Brasil (e os países do Cone Sul), com seu reconhecido papel nos destinos da Lusofonia, dentro de oito anos terá 90% de sua população vivendo em cidades, com o insustentável automóvel particular determinando o padrão de crescimento urbano descontrolado e cada vez menos compacto, o que também não é sustentável e vai degradar estruturalmente ainda mais os ecossistemas na região mais urbanizada do mundo.

O que fazer então Galiza, Brasil e Lusofonia pela emancipação intercultural? O que será que o ritmo da vida quer nos dizer com esse processo generalizado de desaparecimento de línguas? Seria uma inversão da Torre de Babel? Ou seja, caminharíamos para aumentar potencialmente a capacidade de comunicação intercultural?

O que há decerto estrategicamente, sob minha perspectiva, é convergir para o trabalho psicopolítico, de maneira a fazer vigorar a língua comum à Cultura e à Natureza: a língua do amor. Do amor de *si* e pelo *outro*, do *amor mundi*. Utopia? Ora, o presente é a utopia de ontem, sabemos. E contamos para isso com Manuel Riva, pois se vale para Galiza vale para toda a *periferia*, inclusive para o *pensamento periférico*:

²⁴ Trecho de conversa entre eu e Concha Rousia, em uma rede social, em 2012. Ocorre-me agora que no estudo de aproximação que Gonzalo Francisco Fernández Suárez fez da vida cotidiana dos condes de Ribadavia, uma família nobre galega do século XVI que chegou à extinção na década dos 80, ele verificou “fuerte conflictividad interfamiliar durante todo el período estudiado” (Suárez, 2005:891), o que lembra o que muitos esquecem, sobretudo quando estão na posição de vítimas: há que se ter cuidado, pois não basta ser “vítima” para ser decente.

²⁵ <http://www.onu.org.br/cidades-al-caribe-2012/>

‘ser periférico te sitúa en el centro del mundo’ (...), estableciendo así que la condición marginal de Galicia en el mapa español y europeo no es un obstáculo que impida salir al mundo y ver lo que ocurre en su centro, sino todo al contrario, que desde la Fisterra gallega se divisa mejor una realidad plural y múltiple del mundo contemporáneo (...) (.) las cosas desde ahí se ven con mucha claridad”. (apud Kobiela-Kwaśniewska, 2005:570)

Transformar o mundo, repito, é editar a narrativa com referência nos valores comuns [“a liberdade separada da fraternidade e da igualdade não vale nada...” (Rousia, 2010:255)]. Para superar a *servidão* que historicamente impede a unidade das forças de transformação cabe lembrar que ela “no desaparecerá de la lengua hasta que no desaparezca de la mente de sus usuarios” (Nowakowska, 2005:313):

“Há profundos desacordos tanto sobre objetivos de longo prazo quanto sobre táticas a curto prazo. Não é que esses problemas não estejam sendo debatidos. Ao contrário, são discutidos acaloradamente, e pouco progresso tem sido feito para superar essas divisões.” (Wallerstein, 2012).

Ou seja, se “não conseguiremos governança no andar de cima se não organizamos governança na base da sociedade” (Dowbor, 2010b:183), o fato é que a base só se auto-organizará²⁶ quando re-vivenciar o princípio da *auto-poiesis*; quando cada liderança, rede e organização observar, medir e controlar seus estados mentais de maneira a re-descreverem-se e então emanciparem-se em estratégias, táticas, atitudes e metodologias participativas e apreciativas.

A traumatização continuada²⁷ ao longo da história demanda a gestão que cada um faça em rede de si, pois a Lusofonia foi construída e continua a ser construída também, como o fez Castela, oprimindo muitas culturas, línguas e povos, como a “traumática história da conquista e colonização da África Lusófona” (Kalewska, s/d:19), da América Latina, do Brasil: o problema não é um ou outro império, mas o estado mental *império*²⁸ e sua inconsequên-

²⁶ Ver a dificuldade dos partidos na Galiza se re-unirem, e quanto mais para se unirem, para agir em relação à legislação que dissolve a representatividade paroquial na Espanha.

²⁷ “Essa é a geração de muitos de nossos governantes e de muitos dos intelectuais galegos de hoje. É a geração dos nossos avós e pais que não sabem explicar o que lhes aconteceu, que são incapazes de levar uma discussão sobre estes assuntos mantendo a calma, que não concordam com nada do que seus filhos e netos pensam hoje. Porque eles sabem apenas de repressão, de luta, de medo, de fome e frio, de delações, de desconfiança. Sabem das pegadas dos fugidos na geada e das reverências, das assinaturas e dos presentes para a *Guardia Civil*, do olhar de esguelho e da boca calada. E de tentar fazer uma vida no meio de isso tudo.” (Sanmartin, 2010:188)

²⁸ “(...) es de pensar que ha de existir cierto paralelismo entre imperios anteriores, por ejemplo el español, y el imperialismo norteamericano actual. En este primer lustro del siglo XXI e del tercer milenio de nuestra era, pareciera que la aceptada deferencia entre imperio e imperialismo ya no es tan clara.” (Zamora, 2004:119)

cia²⁹ societal, que faz por exemplo com que o Reino de Espanha oprima tanto a Galiza e as outras comunidades autônomas na Espanha, quanto nações do bloco ibero-americano e que, ao mesmo tempo, ele seja alvo de outros impérios, como o alemão e o norte-americano. José Manuel Barbosa chega mesmo a dizer que se os reis originariamente galaicos Afonso, o Sábio, e Fernando III, não tivessem mudado a língua “oficial” e o galego-português ocupasse a maior parte da península ibérica tal poder poderia talvez criar “um projecto imperial unificador tão indesejável como o castelhano” (Barbosa, 2010:162).

Como lembra Concha Rousia, citando uma antiga história anônima hindu, um dia, angustiado, o discípulo acudiu ao seu mestre e perguntou: “Como posso liberarme, mestre?; o instrutor contestou: Meu amigo, e quem é que te ata?” (Rousia, 2005).

Tudo o que disse faz parte de minha dedicação à constituição de um novo *contrato social*, pois se o *povo*, a *multidão*, já não acredita em seus representantes políticos, que “não cumpriram a parte do contrato pela que o cidadão renuncia à sua soberania” (Morell, 2012), é decisivo lembrar que tal renúncia se deu pelos indivíduos se entenderem como incapazes de controlar seus interesses, o que só é reversível desde uma perspectiva psicopolítica. Terei a oportunidade de voltar ao tema no próximo *Boletim*. Por hora fico por aqui, com esse poema de Francis Ponge:

“Proponho a todos a abertura dos alçapões internos, uma viagem pela densidade das coisas, uma invasão de qualidades, uma revolução ou uma subversão comparável à promovida pelo arado e a pá, quando, de repente, e pela primeira vez, vêm à luz milhões de pedaços de terra, fragmentos, raízes, vermes e pequenos animais até então enterrados. Ó recursos infinitos da densidade das coisas, oferecidos pelos recursos infinitos da densidade semântica das palavras.” (*apud* Maffesoli, 2007:78).

Referências

- Antoun, Henrique (org.) (2008). Web 2.0: participação e vigilância na comunicação distribuída. Mauad X. Rio de Janeiro.
- Barbosa, José Manuel (2010a). Alguns aspectos da pré-história da língua. *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, n^o3. pp.: 151-164.
- Barbosa, José Manuel (2008). Atlas Histórico da Galiza e do seu contorno geográfico e cultural. Edições da Galiza.
- Barbosa, José Manuel (2010b). Nova Águia (vol. 3 e 4). *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, n^o3. pp.: 317-321.
- Birman, Joel (2006). Arquivos do mal-estar e da resistência. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.

²⁹ Em termos estritamente linguísticos é curiosa a inconsequência da acentuação espanhola, como mostrada por exemplo por Perlin, Jacek. Las inconsecuencias de la acentuación española. *in* Itinerarios. Instituto de Estudios Ibéricos e Iberoamericanos, Universidad de Varsovia. Vol. 5/2007. pp.183-188.

- Bouzon, Álvaro J. Vidal (2010). Da literatura *asbscondita?* ou apontamento liminar sobre *Baralha de sonhos*: António Gil Hernández leitor de Amado L. Caeiro. *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, nº3. pp.: 139-150.
- Cabanas, Maria Isabel Morán (2010). Um olhar sobre as relações de Guilherme de Almeida com a Galiza. *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, nº3. pp.: 113-124.
- Casal, Félix (2010). O espírito da letra (resenha do livro de Luís G. Soto). *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, nº3. pp.: 311-315.
- Castoriadis, Cornelius (1999). Figures du pensable. Éditions du Seuil, Paris.
- Chrystello, Chrys (2010). Açorianidade contemporânea: uma matriz literária. *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, nº3. pp.: 191-202.
- Conill, Josep J. (2010). Três textos e um só discurso, ou o peixe que morde a própria língua (e II): considerações intempestivas sobre a normatização no País Valenciano. *in* Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa, nº3. pp.: 203-220.
- Dirks, Nicholas B. (ed.) (1995). Colonialism and culture. The University of Michigan Press.
- Dowbor, Ladislau (2010a). Um modelo mundial insustentável. *in* A nova política econômica, a sustentabilidade ambiental: 2003-2010, o Brasil em transformação, vol. 1. Fundação Perseu Abramo, São Paulo. pp. 147-156.
- Dowbor, Ladislau (2010b). Organizar a base da sociedade. *in* A nova política econômica, a sustentabilidade ambiental: 2003-2010, o Brasil em transformação, vol. 1. Fundação Perseu Abramo, São Paulo. pp. 183-199.
- Eagleton, Terry (2005). Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- Eagleton, Terry (1998). As ilusões do pós-modernismo. Zahar, Rio de Janeiro.
- Garaudy, Roger (1978). O Ocidente é um acidente: por um diálogo entre as civilizações. Salamandra, Rio de Janeiro.
- Godbout, Jacques (1999). O Espírito da Dádiva. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- Green, André (1988). Narcisismo de vida, narcisismo de morte. Editora Escuta, São Paulo.
- Jambet, Christian (2005). A lógica dos orientais. Globo, Rio de Janeiro.
- Kalewska, Anna (s/d). Entre o texto e a palavra em cena: nos confins do discurso dramático lusófono. *in* Acta Philologica. Uniwersytet Warszawski, Wydział Neofilologii. pp.12-20.
- Kobiela-Kwaśniewska, Marta (2005). El galleguismo y el universalismo en la obra de Manuel Rivas, sobre los ejemplos de Qué me quieres, amor? y Ella, maldita Alma. *in* García, L. F. Cercós; Rivero, Carmelo J. M.; & Gila, Alfonso de Ceballos-Escalera. Retos del hispanismo en la Europa Central y del Leste. Actas del Congreso Internacional, Cracovia, 14-15 de octubre de 2005. Palafox & Pezuela, Madrid. pp. 569-577
- Maffesoli, Michel (2007). O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno. Record, Rio de Janeiro.
- Maturana, Humberto R. & Varela, Francisco J. (2001). A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. Palas Athena, São Paulo.
- Maturana, Humberto (1997). Emociones y Lenguaje en Educacion y Política. Dolmen Ediciones, Santiago de Chile.
- Melman, Charles (2003). O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Companhia de Freud Editora, Rio de Janeiro.
- Nandy, Ashis (2011). The intimate enemy: loss and recovery of Self under colonialism. Oxford India Paperbacks. New Delhi.
- Nietzsche, Friedrich (1999). Assim falava Zaratustra. Martin Claret, São Paulo.
- Nowakowska, Anna (2005). Español políticamente (in)correcto: la metáfora como medio de discriminación en la lengua. *in* García, L. F. Cercós; Rivero, Carmelo J. M.; & Gila, Alfonso de Ceballos-Escalera. Retos del hispanismo en la Europa Central y del Leste. Actas del Congreso Internacional, Cracovia, 14-15 de octubre de 2005. Palafox & Pezuela, Madrid. pp. 307-313
- Ouriques, Evandro Vieira (Org.) (2002). Diálogo entre as civilizações: a experiência brasileira. Centro de Informações da ONU no Brasil e UNESCO, Brasil.

- Ouriques, Evandro Vieira (2009a). Comunicação, palavra e políticas públicas: a importância do conceito envolvimento para a construção da cidadania sustentável. *Revista Z. Programa Avançado de Cultura Contemporânea- PACC.FCC.UFRJ*. Junho de 2009. Ano V no.2.
- Ouriques, Evandro Vieira (2006). Comunicação, Educação e Cidadania: quando diversidade e vinculação social são apenas um. in *Saúde e Educação para a Cidadania*. Revista da Decania do Centro de Ciências da Saúde/UFRJ. Ano 1, no. 02. Março de 2006. UFRJ. Rio de Janeiro. pp. 33-36.
- Ouriques, Evandro Vieira (2007). Desobediência civil mental e mídia: a ação política quando o mundo é construção mental. *Anais do 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo*. Goiânia, Goiás.
- Ouriques, Evandro Vieira (2011). Epistemologías pré-hispánicas de América Latina y cambio psicosocial: el caso de los conceptos Derecho a la Comunicación y Desarrollo Mediático. in *Revista Folios*, Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia. nº 24, Abril.
- Ouriques, Evandro Vieira (2010a). O conceito envolvimento e o caráter político das práticas linguísticas. in *Resende, Viviane de Melo & Pereira, Fábio Henrique (orgs.). Práticas socioculturais e discurso: debates transdisciplinares*. Labcom- Universidade de Beira Interior, Covilhã, Portugal. pp.175-196.
- Ouriques, Evandro Vieira (2012a). Psychopolitics, Tradition and Culture as a mode of Nature: a comparative study on Gandhi and Distributed Communication. in *Pim, João Evans*. Nonkilling and Media, Center for Global Nonkilling, Honolulu, EUA.
- Ouriques, Evandro Vieira (2012b) Psychopolitics and Mind Management: the way for the responsible decision-making of multi-actors at multilevel on a territorial scope. in *Ashley, Patricia & Crowther, David*. Territories of Social Responsibility: Opening the Research and Policy Agenda. Gower, United Kingdom.
- Ouriques, Evandro Vieira (2009b). Território Mental: o nó górdio da democracia. *Revista Democracia Viva*, IBASE. nº 46, maio de 2009. pp. 76-81.
- Ouriques, Evandro Vieira (2012c). The Management of the Sustainable Mind for a new generation of psycho-social changemakers. in *KaosPilot 10 Years Book!* Aarhus C., Denmark. 2012.
- Ouriques, Evandro Vieira (2010b). Sustentabilidade, Democracia e Sinceridade: ideias gêmeas, no útero da Mente Sustentável. *Revista Fórum de Direito Urbano e Ambiental-FDUA*, São Paulo, ano 9, no 49. Janeiro-Fevereiro de 2010.
- Pim, João Evans (2010). Galiza e a Península Ibérica na cartografia etno-linguística até 1945. in *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, nº3, pp.: 165-177.
- Pimenta, Joaquim (1963). *Enciclopédia de Cultura*. Volume II. Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro e São Paulo.
- Rousia, Concha (2010). O país na mala. in *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, nº3. pp.: 253-255.
- Sanmartin, Isabel Rei (2010). Sobre o conceito de prática genocida. in *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, nº3. pp.: 179-190.
- Santalha, José-Martinho Montero (2010). Discurso do Presidente da Academia Galega da Língua Portuguesa na Sessão Interacadémica de Lisboa (Academia das Ciências de Lisboa, 14 de abril de 2009). in *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa*, nº3. pp.: 229-232.
- Santalha, José-Martinho Montero (2009). A maneira de apresentação. in *Castro, Rosario de*. Cantares galegos. Edições da Galiza.
- Sheldrake, Rupert (1003). O renascimento da natureza: o reflorescimento da Ciência e de Deus. Cultrix, São Paulo.
- Suárez, Gonzalo Francisco Fernández (2005). Aproximación a la vida cotidiana de una familia noble gallega: los condes de Ribadavia en el siglo XVI. in *García, L. F. Cercós; Rivero, Carmelo J. M; & Gila, Alfonso de Ceballos-Escalera*. Retos del hispanismo en la Europa Central y del Leste. *Actas del Congreso Internacional*, Cracovia, 14-15 de octubre de 2005. Palafox & Pezuela, Madrid. pp. 885-892
- The Worldwatch Institute (2010). 2010. Estado do mundo: transformando culturas, do consumismo à sustentabilidade. The Worldwatch Institute, Brasil.
- Welzer, Harald (2012). Infraestruturas mentais: como o crescimento se instalou no mundo e nas nossas almas. *Heinrich Boll Stiftung*, Rio de Janeiro.
- Zamora, Claudio Bogantes. Lengua y poder: migración, cultura nacional e identidad. in *Dialogos Latinoamericanos*, 9/2004. Universidad de Aarhus, Dinamarca. pp.: 117-129

Referências em linha:

- Alonso, Artur (2011). Galiza debe aprender a ser vanguarda. Mundo Galiza, 4 de decembro de 2011. <http://mundogaliza.com/galiza-debe-aprender-a-ser-vanguarda/>
- Assis, J. Carlos de (2012). A fraude da Libor, ou o colapso do princípio neoliberal da auto-regulação. Carta Maior, 20 de Agosto de 2012. www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=20745&boletim_id=1337&componente_id=22013
- Barbosa, José Manuel (2011). Entrevista a Artur Alonso. Mundo Galiza, 12 de decembro de 2011. <http://mundogaliza.com/entrevista-a-artur-alonso/>
- Belluzzo, Luiz Gonzaga (2012). Geringonças teóricas. Carta Capital, 4 de agosto. <http://www.cartacapital.com.br/economia/geringoncas-teoricas/>
- Brito, Weverton e Pereira, Marcos (2011). Marcos Dantas: “A mídia reage como fera acuada”. Portal Fundação Perseu Abramo, 15 de fevereiro. <http://www.fpabramo.org.br/artigos-e-boletins/artigos/marcos-dantas-“-midia-reage-como-fera-acuada”>
- Domingos, Víctor (2012). É preciso calar o monólogo. Editora ArcosOnline, Portugal. <http://www.amazon.com/Preciso-Mon%C3%B3logo-Portuguese-Edition-ebook/dp/B007MUYXLI>
- Lopes, Carlos *et alii*. (2012). Modelos de desenvolvimento, trabalho e sustentabilidade: desafios para o progressismo na América Latina. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert. http://www.fes.org.br/escola/pdf/2escola_2011.pdf
- Lorenzo, Marcos (2007). Galicia en liquidación: feridas no mapa antropolóxico. Charla impartida no seminario “As feridas do territorio. Xornada de Filosofía e Paisaxe”, organizado polo Ateneo de Pontevedra, en colaboración co Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia. Día 27 de xaneiro de 2007, Centro Social CAIXANOVA. <http://en.calameo.com/read/000609437fcb03eda3a13>
- Momám, Edelmiro (2011). Desodorizantes. in Portal Galego da Língua. 04 de maio de 2011. http://www.pglingua.org/component/opinion/index.php?option=com_content&view=article&catid=3&id=3477&Itemid=0
- Martins, Antônio (2010). Ricos, decadentes e malvados. Crises e oportunidades. <http://criseoportunidade.wordpress.com/2010/08/16/ricos-decadentes-e-malvados-antonio-martins/>
- Morell, Xosé Carlos (2012). Políticos em mangas de camisa. Mundo Galiza, 25 de agosto de 2012. <http://mundogaliza.com/politicos-em-mangas-de-camisa/>
- Nepomuceno, Eric (2011). O ano do grande naufrágio da Europa. Carta Maior, São Paulo, 29 de decembro. http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=19302
- Ouriques, Evandro Vieira (2004). Sobre a ação desinteressada em Gandhi e a ética na mídia. Observatório da Imprensa. http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/evandro_vieira_ouriques
- Pim, Jóam Evans (2012a). Língua e eugenia. Galicia Confidencial, 04.01.2012. http://galiciaconfidencial.com/nova/9315.html?&pag_com=3
- Pim, Jóam Evans (2012b). Quando a paróquia morre de morte matada. Portal Galego da Língua, 11 de agosto de 2012. <http://www.pglingua.org/opiniom/5127-quando-a-paroquia-morre-de-morte-matada>
- Pim, Jóam Evans (2012c). Um 15M rural. Galicia Confidencial, 21 de agosto.
- Rousia, Concha (2005). As sete fontes. Editora Arcosonline, Portugal. <http://www.scribd.com/doc/7088549/Concha-Rousia-As-Sete-Fontes>
- Sachs, Ignacy; Lopes, Carlos Lopes & owbor, Ladislau (2010). Crises e oportunidades em tempos de mudança. Documento de referência para as atividades do Núcleo Crises e Oportunidades no Fórum Social Mundial Temático, Bahia, Brasil. Janeiro. <http://www.conselho.saude.gov.br/cm/artigos/ladislau.pdf>
- Silva, Edinho & Ouriques, Evandro Vieira (2010). Tendências e Debates, Folha de São Paulo, 22 de decembro. p.3 <http://evouriques.wix.com/artigofsp-211210>

Seki, Lucy (2000). Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *in* Revista Impulso, Editora da Universidade Metodista de Piracicaba, nº 27 (Edição especial sobre os 500 anos do descobrimento do Brasil). pp. 233-256
<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp27art11.pdf>
Toro, Suso de (1997). Dificuldades para as literaturas nacionais. *Boletín Galego de Literatura*, nº 17, 1º semestre. Universidade de Santiago de Compostela. pp.119-130
Wallerstein, Immanuel (2011). A esquerda mundial depois de 2011. *Esquerda.net*, 23.01.2012. <http://www.esquerda.net/opiniao/esquerda-mundial-depois-de-2011>

EVANDRO VIEIRA OURIQUES

É Acadêmico Correspondente da AGLP, coordenador do NETCCON-Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência.ECO.Universidade Federal do Rio de Janeiro, supervisor de pesquisas de Pós-doutorado em Estudos Culturais no Programa Avançado de Cultura Contemporânea.UFRJ, vice-coordenador do GT Comunicación y Estudios Socioculturales da ALAIC-Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación e professor-pesquisador convidado do Programa de Doctorado en Comunicación en Contextos Interculturales, da Universidad de La Frontera, Chile. Transdisciplinar e não-dualista, dedica-se à *Psicopolítica da Comunicação e da Cultura*, e à sua metodologia, a *Gestão da Mente*, com a qual potencializa mudanças de mentalidade em indivíduos, casais, redes, organizações, projetos, produtos e planejamentos estratégicos. Tem publicações no Chile, Dinamarca, Estados Unidos, Portugal, Colômbia, Reino Unido e Brasil. Dentre elas *Diálogo entre as Civilizações: a experiência brasileira*, que organizou para a ONU e a UNESCO em 2002 em função do 11 de Setembro. Recebeu do Reputation Institute o prêmio de Melhor Acadêmico do Mundo, o *Best Scholar 2010*; da Propeg/Academia Brasileira de Letras a Menção Honrosa do Prêmio Jeca Tatu; e da Universal Zulu Nation o título de Guerreiro Zulu. www.evandrovieiraouriques.com.br